



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## **VADIAGENS DA CIÊNCIA-EXPERIÊNCIA: gingando numa roda multirreferencial com Carolina de Jesus, Elza Soares e Inaicyra Falcão**

Régia Mabel da Silva Freitas

*Doutorado Multidisciplinar e Multi-institucional em Difusão do Conhecimento*

*Universidade Federal da Bahia – UFBA*

mabel\_freitas@hotmail.com

**Resumo:** Com o intuito de integrar e aplicar conteúdos teórico-práticos devido à metodologia polilógica do componente curricular Pensamento Social Brasileiro – cujo objetivo é interpretar o Brasil sob o olhar da (pela) Capoeira Angola aprendendo pelas dimensões mental e física – este artigo objetiva gingar com as vadiagens da ciência-experiência (falas desde dentro de estandartes de suas próprias histórias) com três mulheres negras de distintos âmbitos de produção e difusão de conhecimentos negrorreferenciados, a saber: a escritora Carolina de Jesus, a cantora Elza Soares e a pesquisadora Inaicyra Falcão. De natureza qualitativa, cunho etnográfico e percurso exploratório-descritivo, os dados foram coletados através de revisão bibliográfica. Os resultados dessa roda multirreferencial apontaram que essa plêiade, produtora e difusora de conhecimentos negrorreferenciados, através de suas perspectivas (de dentro pra fora, imbuídas de interrelações dinâmicas e participativas) contribuem para (re)olhar o cenário brasileiro de maneira mais crítica e enegrecer a Academia brancocêntrica, uma vez que a profundidade e picardia de seus discursos azeviches apetece-nos pela força de cada palavra desse atemporal jogo crítico-reflexivo.

**Palavras-chave:** ciência-experiência, produção e difusão de conhecimentos negrorreferenciados, Carolina de Jesus, Elza Soares, Inaicyra Falcão.

um  
corpo que  
como  
estandarte  
possa invadir o  
imaginário do  
outro, de modo  
que possa tocá-lo  
em sua  
humanidade e  
desarmá-lo em  
suas expectativas  
(Evani Tavares)

Achei magnífica a proposta curricular de interpretar o Brasil sob o olhar da (pela) Capoeira Angola, aprendendo pelas dimensões mental e física. Essa perspectiva de aprendizagem de metodologia

polilógica coaduna com a linha de pesquisa da qual faço parte – Cultura e Conhecimento: Transversalidade, Interseccionalidade e (In)formação no Doutorado Multidisciplinar e Multi-institucional em Difusão do Conhecimento. Com esse ineditismo dialógico, fui convidada a entrar numa roda multirreferencial e gingar. O meu maior desafio foi me permitir aprender pela dimensão física. Fugindo dos olhares dos colegas, timidamente, executei alguns leves movimentos angoleiros em sala.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

A Academia já foi um lugar

privilegiado de exercitar músculos e mente sem hierarquia entre ginástica e retórica. Como herdeira da visão tradicional, anacrônica e obsoleta que dissocia a intelectualidade da corporalidade, não me senti à vontade numa aula em que o convite é sair logo nos primeiros momentos da dimensão mental. Travei uma luta comigo mesma para executar os movimentos e não parecer resistente por mera rebeldia. Sabia, entretanto, que estava presa ao paradigma acadêmico supracitado. Concomitantemente, admirava os colegas que participavam com afinco.

Os partícipes inspiravam, expiravam, alongavam, caminhavam, aceleravam, desaceleravam, equilibravam, desequilibravam, atacavam, defendiam; eu observava e aprendia. *Jogo?* Sim! *Brincadeira?* Sim! *Dança?* Sim! Mais que isso: *Vadiagem!* Eles só se divertiam: pensavam rápido, golpeavam; pensavam rápido, esquivavam; pensavam rápido, negociavam; sorriam e curtiam. Foi significativo e relevante ver ação e criatividade desses sujeitos históricos – pesquisadores doutorandos – nesse contexto. Indubitavelmente, refletir sobre a Capoeira Angola está para além dos livros...

Oliveira (2006, p. 81) nos ensinou que

não existe a dualidade entre indivíduo e cultura, já que esta é fruto das ações dos sujeitos. Estas, por sua vez, ganham sentido no jogo de significados produzidos pela cultura, fazendo com que consideremos a relação interativa entre sujeito e indivíduo, entre história e estrutura. Opor Ser (estrutura) e Ação (eventos) seria um engano, pois eles são intercambiáveis. Os indivíduos criam suas regras em movimento e fazem do fato social uma ficção frente a seus interesses.

Apreendi muito com vadiagens, vídeos e relatos de angoleiros. Criei até o meu conceito de Capoeira Angola: é um misto de informações corporais e vocais em que impera a diversidade de classe social, etnia, gênero, geração, histórias, experiências e vivências, reverenciando a ancestralidade africana numa roda. Foi interessante também perceber como os cânticos, os instrumentos musicais, as gingas, os ataques, as defesas, os olhares, as pernas, os pés, as cabeças, os equilíbrios, os desequilíbrios, as mandigas são elementos que se entrelaçam em todos os momentos.

Com o intuito de integrar e aplicar conteúdos teóricos e práticos, decidi criar uma roda para gingar com as vadiagens da ciência-experiência (falas desde dentro de estandartes de suas próprias histórias). Para tal, fiz uma chamada de frente para três mulheres negras



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

que exibe(ia)m corpos expressivos<sup>1</sup>, carrega(ra)m com dignidade os estigmas escravistas e honra(ra)m a sabedoria dos ancestrais. Escolhi representantes de distintos âmbitos de produção e difusão do conhecimento, a saber: a escritora Carolina de Jesus, a cantora Elza Soares e a pesquisadora Inaicyra Falcão.

Desde os seus discursos, percebi que essas legítimas representantes da ciência-experiência deram rasteiras na fábula das três raças, no mito da democracia racial, na lógica assimilacionista e na hegemonia científica. Observá-las passarem a perna rente ao chão em um movimento (semi)circular puxando a perna do adversário – visão eurocêntrica – e desequilibrando-o foi fascinante! Sabia, portanto, que aprenderia muito mais ao convidá-las para essa roda e assim o foi. Saímos para o jogo e, junto ao berimbau, entoamos:

Quem vem lá sou eu,

Quem vem lá sou eu,

Berimbau bateu, sou eu angoleira, sou eu

Quem vem lá sou eu,

Quem vem lá sou eu,

---

<sup>1</sup> Corpo expressivo é o conjunto de informações corporais, vocais e simbólicas adquiridas, arquivadas e utilizadas quando o indivíduo cria. (TAVARES, 2008).

Carolina de Jesus, uma mineira de Sacramento que morou com seus três filhos Vera Eunice (2), João José (6) e José Carlos (9) à rua A, barraco nº 9, na favela do Canindé, em São Paulo, foi catadora de papel, leitora e escritora que cursou até o 2º ano primário. Essa apaixonada pelos livros que confessa não saber dormir sem ler e os considera “a melhor invenção do homem” (JESUS, 2005, p. 24), foi descoberta por Audálio Dantas quando foi ao Canindé fazer uma reportagem. Ele teve acesso aos vinte cadernos encardidos da autora e publicou o livro Quarto de despejo – diário de uma favelada.

Esse diário, traduzido para 13 idiomas, convidou-nos a conhecer uma literatura-verdade, pois a autora relatou o cotidiano triste e cruel da sua vida na favela. Ela descreveu as lambanças que praticam os favelados – pessoas que possuem corações roxos, chamados por ela de projetos de gente humana ou objetos fora de uso num quarto de despejo –, delatou a luta pela sobrevivência e as relações interpessoais, evidenciando que a única coisa que não existe na favela é solidariedade. Segundo Carolina, eles nem repousam por não terem o privilégio de gozar descanso.

Ela também teceu severas críticas à política nacional, à ineficiência dos serviços públicos brasileiros e questionou a



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

incongruência de morarmos num país fértil em que as pessoas passam fome. A fome, aliás, foi o problema social mais recorrente dessa sua produção literária, ganhando até uma cor: a amarela. A autora afirmou que é preciso conhecer a fome para saber descrevê-la – fato que ela fez com maestria – e sugeriu que o Brasil fosse dirigido por alguém que já passou fome, para saber administrar de maneira mais eficiente já que a fome também é professora.

Nessa obra, essa mulher negra e favelada disparou sagazes e brilhantes metáforas, a saber: considerou a fome a escravatura atual, comparou a eleição a um Cavalo de Troia que aparece de 04 em 04 anos e dividiu a cidade de São Paulo em cômodos de um lar, considerando o Palácio uma sala de visitas, a Prefeitura uma sala de jantar, a cidade um jardim e a favela um quintal onde jogam lixo. Apesar da pouca escolaridade, a criticidade lúcida da sua prosa evidenciou a sua sabedoria que encanta leitores nacionais e internacionais.

Carolina entrou nessa roda alternando entre a ponteira e a saída lateral cheia de malícia. Ela deu uma ponteira no preconceito racial, ao evidenciar a ineficiência política na resolução dos problemas sociais – argumentando que o mundo é como o branco quer: repleto de desorganizações –, ao abordar a questão da exploração sexual através do

exemplo do açougueiro que dá a carne em troca do corpo da mulher negra – situação da qual seria mais uma das tantas vítimas – e ao valorizar a nossa estética:

Eu adoro minha pele negra e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo do branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado (JESUS, 2005, p.65).

Ciente da sua condição de favelada que lutou diariamente contra os reveses dessa sua difícil realidade, ela criou como alternativa a sua própria saída lateral – a escrita:

Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar esse ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 2005, p.60)

Com esses movimentos alternados diariamente de ataque (ponteira) e defesa (saída lateral), Carolina de Jesus reforçou a tese de que “contendo o movimento, controlando sua intensidade e alcance, o



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

capoeirista adquire a capacidade de estar pronto para agir conforme a situação que se apresenta; metamorfoseando um golpe em outro, recuando ou atacando prontamente” (TAVARES, 2008, p. 56). Destarte, ela estabeleceu possíveis estratégias de resistência política e social.

Inaicyra Falcão, uma pesquisadora da arte afrobrasileira, doutora e negra, entrou na roda cheia de mandinga, dando martelo e ponteira quase que simultaneamente. Nascida em berço didiano<sup>2</sup>, essa também cantora lírica considerou em sua pesquisa sobre dança-arte-educação a tradição como viva, dinâmica, tendo a ver com continuidade, renovação, fortalecimento e reelaboração pela natural necessidade de ampliação e expansão dos valores originais. Ela afirmou que os elementos da tradição podem ser

distinguidos nos espaços compreendidos, assim como com a adoção de filosofias concernentes. Esses elementos são, em si, propiciadores do crescimento e da própria transformação. Entretanto, essa possibilidade de transformar dá-se desde que não se queira impor uma doutrina, uma conversão, mas promover uma reflexão entre os participantes (SANTOS, 2002, p. 115).

<sup>2</sup> Inaicyra Falcão é filha do imortal sacerdote-artista Mestre Didi (Deoscoredes dos Santos).

Nas palavras de Oliveira (2006, p. 120),

a tradição africana atualizada pelos afrodescendentes é autêntica na medida em que é fiel à sua forma cultural, original na medida em que advém da experiência coletiva dos africanos (ética). A tradição cria identidades pois ela é o manancial dos valores civilizatórios e dos princípios éticos (filosóficos) que singularizam a história dos afrodescendentes. A legitimidade da tradição africana dá-se, exatamente, por ela não ser fossilizada no passado, mas uma experiência atualizada no calor das lutas dos afrodescendentes.

Assim, com seu martelo, ela atacou a visão colonizadora que almeja desculturar e despersonalizar. A pesquisadora sugeriu que respeitássemos a nossa diversidade plural, conhecendo a nós e ao outro sem dicotomias, desmitificando as ideologias e transcendendo os estereótipos já arraigados na nossa sociedade excludente e hegemônica. Para ela, “é preciso adquirir ‘um novo olhar’. Não só da sociedade como um todo, para com a tradição, mas, sobretudo, ‘um novo olhar’ nosso, brasileiros com herança africana, com relação a essa mesma tradição” (SANTOS, 2002, p. 114).

Essa nova visão descolonizadora proposta pauta-se na valorização de nossos





## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

talentos criativos e visionários que podem recriar estéticas pluriculturais através de uma construção em rede com interação dialética e alteridade. Para ela,

o alicerce é a relação humana, o respeito ao outro, o respeito às diferenças e a si próprio, transformando indivíduos durante o processo de seu autoconhecimento; indivíduos que, apesar de estarem sufocados numa sociedade onde se sentem negados, possam adquirir uma ação autônoma de comunicação. (...) Este corpo é assim, tem esse gingado, tem esse movimento, tem essa qualidade. (...) O ser humano brasileiro precisa trabalhar sua autoestima, sua plenitude, além de modelos exteriores. Se ficarmos apenas no que existe, não haverá inovação; copiar modelos é negar a criação. (SANTOS, 2002, p. 30-32).

Oliveira (2006, p.118-119) complementa:

A integração supõe uma abertura, uma flexibilidade, uma vez que seu modo operacional é dinâmico e não estático. (...) É a diversidade que permite uma estética da diferença, um sistema integrado. (...) Em um sistema integrado não é a homogeneidade que dá a tônica da organização social, mas a heterogeneidade. (...) A diversidade é mãe da

flexibilidade. É neste sentido que podemos dizer que a diversidade possui uma grande capacidade de adaptação e de ressignificação.

Já a ponteira da Inaicyrá atacou a tese de que corpo e mente são pólos dicotômicos que não coadunam. Para ela, o corpo é símbolo de poder e instrumento de expressão que traz consigo sua história individual, seus estigmas e sua identidade social. Ela evidenciou o imprescindível diálogo entre os conhecimentos empírico e científico para se empreender uma educação transformadora que respeite a diversidade cultural e supere os entraves etnocêntricos. Assim, reificou que “corpo-mente é um organismo factual que comunica” (TAVARES, 2008, p. 109).

A pesquisadora propôs a “integração do conhecimento intelectual ao conhecimento corporal perceptivo de uma experiência significativa e consciente” (SANTOS, 2002, p. 30), englobando aspectos emocionais, intelectuais, físicos e espirituais. Além disso, ela sugeriu a socialização dessas experiências para enriquecer a coletividade. Sobre essa valorização de características individuais, analogamente, Tavares (2008, p. 110) assim apontou: “evoca-se uma imagem que, como estandarte, invade o imaginário de quem o assiste, mas de tal modo que possa o espectador ser tocado em sua humanidade e desarmado em suas expectativas.”



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O nosso corrido<sup>3</sup>, samba-*rap* A Carne

composto por Seu Jorge, Marcelo Yuca e Ulisses Cappelletti da extinta banda Farofa Carioca, foi entoado afinadamente pela cantora e compositora carioca negra Elza Soares. Ei-lo:

A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que vai de graça pro presídio  
E para debaixo do plástico  
Que vai de graça pro subemprego  
E pros hospitais psiquiátricos  
  
Que fez e faz história  
Segurando esse país no braço  
O cabra aqui não se sente revoltado  
Porque o revólver já está engatilhado  
E o vingador é lento  
Mas muito bem intencionado  
E esse país  
Vai deixando todo mundo preto  
E o cabelo esticado  
  
Mas mesmo assim  
Ainda guardo o direito  
De algum antepassado da cor

<sup>3</sup> “O *corrido* é uma forma de canto da *capoeira angola* que concentra grande parte das variantes de diálogo presentes em seu repertório musical” (TAVARES, 2008, p. 31).

Brigar sutilmente por respeito  
Brigar bravamente por respeito  
Brigar por justiça e por respeito  
De algum antepassado da cor  
Brigar, brigar, brigar

Em *cocorinhas*, essa cantora expôs alguns problemas sociais brasileiros (pobreza, violência, emprego, saúde, moradia) com os quais a população negra luta diariamente; infelizmente, já banalizados e vistos como *corriqueiros* pela sociedade em geral. Numa interpretação visceral, ela, que saiu da favela fluminense Moça Bonita e chegou a ser reconhecida pela BBC de Londres como a voz do milênio, convidou-nos a refletir não sobre uma país de discurso mas de práticas racistas que até hoje coisifica a nossa etnia.

Esse cântico me fez lembrar que “desde os tempos em que se duvidada da existência de suas almas até nossos dias, quando se duvida de sua competência e capacidade civilizatórias, o negro brasileiro [é] desumanizado, inferiorizado e discriminado (...), estigmatizado como resíduo folclórico de cultura no presente [entretanto] não significa que assim o seja” (OLIVEIRA, 2006, p. 173). Essa mulher, que veio do Planeta Fome e gingou com muita *malemolência* com os preconceitos raciais que encontrou durante toda a sua carreira artística, ratifica essa assertiva.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Nessa música, ela mostrou essa sua/nossa ginga através de estratégias negras de resistência: constituímos a brasilidade, somos/fomos agentes das nossas próprias histórias e reagimos contra os processos de alienação, higienização étnica e embranquecimento. Unindo as vertentes artística e ideológica, essa intérprete enalteceu a força e a importância dos nossos antepassados. Oliveira (2006, p.18-19) corrobora ao afirmar que

seria um engano conhecer o Brasil sem conhecer a história dos afrodescendentes. Seria um engodo compreender o Brasil sem antes conhecer a África. Seria uma lástima procurar entender a realidade social brasileira sem compreender a realidade racial do país. (...) [Os afrodescendentes] souberam, num diálogo criativo com o sistema de dominação, responder não com ódio, mas ternura, não com guerra, mas com sistemas de inclusão, não com lamentos, mas com atitudes estético-sociais à situação desumana a que foram submetidos.

A busca pela cidadania plena – respeito pelos direitos civis, políticos e sociais da nossa etnia – é mais uma luta árdua e diária a que temos que nos dedicar. Assim como a intérprete mostra essa sua ginga nos palcos nos quais se apresenta, é mister que, aliado a discursos críticos e ações coesas contra as

desigualdades sociorraciais, continuemos nas nossas vadiagens em quaisquer rodas a entoar sempre

Dá, dá, dá no nego,  
No nego você não dá  
Dá, dá, dá no nego,  
Mas se der vai apanhar  
Dá, dá, dá no nego

À guisa de conclusão, ressalto que imergir nesse inusitado campo teórico-prático dessa roda de Capoeira Angola – “misto de brasilidade e africanidade, bailado e luta, música e performance instrumental, teatralidade e realidade” (TAVARES, 2008, p. 36) – foi uma experiência bastante prazerosa. A ponteira, a saída na lateral e a malícia da Carolina de Jesus me incentivaram, o martelo, a ponteira e a mandinga de Inaicyrá Falcão me aguçaram, a cocorinha, a ginga e a malemolência de Elza Soares me engrandeceram como pesquisadora e mulher negra.

Essa plêiade, produtora e difusora do conhecimento, através de suas perspectivas (de dentro pra fora, imbuídas de interrelações dinâmicas e participativas) contribuíram para que eu pudesse (re)olhar o cenário brasileiro de maneira mais crítica. As suas visões de mundo dialogam com as minhas pesquisas que enegrecem a Academia europeizada, a picardia dos seus discursos me apetece pela





## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

profundidade do experienciado, pelo jogo político e pela força de cada palavra que “gera e movimenta a energia, o que demonstra seu poder de transformação” (OLIVEIRA, 2006, p. 48).

Ainda que “a elite brasileira, branca, católica e patriarcal, tenha engendrado mecanismos de desqualificação e inferiorização do ser negro” (OLIVEIRA, 2006, p. 84), elas refuta(ra)m. Com as suas respectivas memórias presentificadas em seus próprios corpos (TAVARES, 2008), elas robusteceram o meu discurso azeviche com as suas referências socioculturais; ampliando, assim, o meu capital cultural. Agora, entendi por que essa vadiagem da Capoeira Angola é ARTE DE NEGRO... Por mesclar ações significativas historicamente. *Ora, pois!*

Adeus, adeus,

Boa viagem

Eu vou m'embora

Eu vou com Deus

E Nossa Senhora

Eu vou com Deus

No romper da aurora

FAROFA CARIOCA. **Moro no Brasil**. Rio de Janeiro: PolyGram, 1998.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2005.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Cosmvisão Africana no Brasil – elementos para uma filosofia afrodescendente**. Curitiba: Editora Gráfica, 2006.

SANTOS, Inacyra. **Corpo e Ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação**. Salvador: EDUFBA, 2002.

TAVARES, Evani Lima. **Capoeira Angola como treinamento para o ator**. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2008.

### OBRAS CONSULTADAS